

**Elizeu Lamosa Prado**

**ESTUDOS SECRETOS  
SOBRE JESUS CRISTO**

1º Volume



ESTUDOS SECRETOS

SOBRE

JESUS CRISTO

1º VOLUME

*O QUE VOCÊ NÃO SABIA  
SOBRE JESUS CRISTO*

## **ESTUDOS SECRETOS SOBRE JESUS CRISTO**

Jesus Cristo é Deus ou unicamente seu Filho?

Existe um ser superior a Jesus ou Jesus é o próprio Deus?

O *Dogma da Divindade* afirma que Deus e Jesus constituem um único ser ou que Jesus é igual ao Pai.

Se Jesus é igual ao Pai, por que o Evangelho afirma que o Pai é maior do que Jesus?

Como alguém pode ser ao mesmo tempo homem e Deus?

Por que a igreja não consegue explicar esse mistério a luz da razão?

Nestes escritos você encontrará uma resposta.

# ÍNDICE

## I PARTE

O Dogma da Divindade.....	6
Os argumentos considerados contrários ao Dogma da Divindade de Jesus Cristo.....	12
Análise dos textos Bíblicos.....	15

## II PARTE

Em busca de Jesus Cristo.....	28
Cristo segundo a Ciência.....	30
Cristo segundo o próprio Cristo.....	35

**ESTUDOS SECRETOS**

**SOBRE**

**JESUS CRISTO**

**I PARTE**

## O DOGMA DA DIVINDADE

O termo “Divindade”, segundo o dicionário, é aplicado a alguém que possui a natureza Divina, isto é, se refere ao ser infinito, Perfeito e Criador do Universo a quem chamamos de “Deus”. A palavra “dogma” indica uma doutrina fundamental e indiscutível. O *Dogma da Divindade de Jesus Cristo* é, portanto, a doutrina que afirma e defende a Divindade de Jesus Cristo, ou seja, é uma doutrina fundamental da igreja que prega que Jesus é Deus, ou que Deus e Jesus constituem um único Ser. Em outras palavras, é o mesmo que afirmar que além ou acima de Jesus não existe outro Ser. Segundo o Dogma, Jesus foi “Deus encarnado” e por este motivo possuiu duas naturezas: a humana e a Divina. As maiores provas da natureza Divina de Jesus Cristo, segundo o próprio Dogma, se encontra nos atributos Divinos que são a ele atribuídos e manifestados por ele durante sua vida terrena. Existem pelo menos cinco atributos Divinos atribuídos a Jesus: Eternidade, Onipresença, Onisciência, Onipotência e Imutabilidade. Segundo o Dogma da Divindade, Jesus possuiu todos.

*O Dogma da Divindade de Jesus Cristo* surgiu no século IV durante um acalorado debate entre os bispos católicos de Língua grega e os de Língua latina. O tema do debate girava em torno do “verbo que se fez carne” e do “Filho de Deus”. Alguns bispos eram a favor do conceito de que Cristo tinha sido criado e, portanto, seria um ser subordinado ao “Pai”. Os outros

bispos, por sua vez, consideravam uma heresia esta opinião e penderam o debate para a adoração do “Deus encarnado”. Ambos os lados criam ter a autoridade das Escrituras a seu favor e com isso as fileiras religiosas se dividiram nesta questão até que não se pôde mais prosseguir devido a falta de consenso. Mas como resolver esta questão polêmica? Haveria um Ser superior a Jesus ou o próprio Jesus é quem seria Deus? Os bispos bem sabiam que somente através do surgimento de um dogma é que se colocaria um ponto final nas discussões, porque uma vez adotada pela igreja uma doutrina como ponto fundamental de seu ensino, jamais poderia ser contestada ou discutida pelo clero.

Os bispos da Igreja estavam divididos e como eles gozavam de certo prestígio político, o Império romano ficou ameaçado. Isso fez com que Constantino, o Grande, convocasse um outro concílio em 325 E.C. para decidir de vez esta questão. Organizado em Nicéia, região de frente a cidade de Constantinopla, o novo Concílio proclamou o ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo*** que é confessado e defendido até os dias de hoje tanto pela Igreja Católica quanto pela Protestante. Entretanto, os registros acusam que neste Concílio compareceram apenas a minoria dos bispos, e a maior parte deles era da região de Língua grega. Nem mesmo o Papa Silvestre I compareceu (A História do Mundo, de Colúmbia; e Dicionário Oxford de Papas). É difícil de entender que numa época de acontecimentos dramáticos para a história da Igreja, o papa tenha se recusado a participar de um evento tão importante. O que levou o papa e os demais bispos a não participar do

Concílio de Nicéia? Seria essa ausência motivada por questões políticas e interesses desconhecidos? Bem, o fato é que o Concílio deu origem ao ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo***. Será que as decisões tomadas nesta assembléia foram tomadas a favor da verdade ou da estratégia político-religiosa de Constantino?

Desde o século IV que a inteligência humana vem tentando compreender e explicar o *Dogma* que afirma que Jesus foi “Deus encarnado”, isto é, que Deus se fez humano na pessoa de Jesus Cristo. Os teólogos da Igreja até hoje não foram capazes de explicar essa doutrina a luz da razão, permanecendo desta forma como um dos grandes mistérios da fé cristã. Mas como alguém pode ser ao mesmo tempo homem e Deus? Por que em algumas passagens do Evangelho é possível identificar a existência de um Ser superior a Jesus? Se Jesus é o próprio Deus, por que dizia que um outro Ser chamado “Pai” era maior do que ele? As poucas opiniões que tentam explicar estas questões, sem ferir o *Dogma*, não são concludentes e por isso mesmo esta doutrina é tida por vários estudiosos como objeto de fé cega, impenetrável a razão; é algo em que a inteligência humana é incapaz de compreender.

Esse mistério que envolve o ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo*** motivou a Igreja a patrocinar estudos teológicos por todo mundo para encontrar elementos mais consistentes em favor do *Dogma*, tanto para sua explicação quanto para sua proteção, uma vez que os argumentos contrários do

primeiro Concílio de bispos permanecem até os dias de hoje como provas incontestáveis. Os esforços teológicos do Clero, entretanto, penderam mais para a proteção do *Dogma* do que para sua explicação propriamente dita, pois se chegou a conclusão de que o aspecto das “duas naturezas” de Jesus não pode ser explicado devido este assunto estar ligado a um dos grandes mistérios da fé. Mas muitos estudiosos não se conformaram em não poder compreender e explicar algo de fundamental importância e seguiram em frente em busca do desconhecido. Alguns desistiram em meio a forte pressão que o clericalismo ocasionou em suas vidas, outros, empreenderam estudos secretos e seguiram adiante. Estes, porém, se envolveram demais nessa causa e descobriram coisas inacreditáveis que se fosse na época da Igreja medieval, com certeza estariam em sérios problemas. Eu sou uma dessas pessoas que decidiram e persistiram até o fim em busca do inexplicável. Para mim, em particular, foi um grande choque ao me deparar com a verdade que estava por detrás do dogma, pois em alguns instantes o grande edifício que fora construído durante longos anos de estudos na igreja veio ao chão. Tudo aquilo que havia aprendido em minha vida sobre o ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo*** simplesmente não era real. Isso gerou dentro de mim um conflito interior que somente pude superar três anos depois com o meu afastamento da Igreja. Durante esses longos anos quis fechar os olhos diante das verdades que minha busca proporcionara e tentar desenvolver o meu ofício pastoral como se nada houvesse acontecido. Não consegui... Muitas vezes, nos momentos solitários de minha vida me perguntei: Por que teve que ser assim? Por que eu? Já não me sentia

mais o mesmo devido ao peso da grande responsabilidade que estava sobre os meus ombros. A responsabilidade da decisão que era preciso tomar: tornar público o que havia descoberto. Não podia mais aceitar e muito menos ensinar uma doutrina erroneamente formulada por um sistema religioso inconseqüente, porque uma falsa verdade religiosa gera uma fé cega e esta, a intolerância, a desigualdade e o fanatismo. A fé cega anula a liberdade de pensar, enquanto que a fé que enxerga claro todas as coisas produz uma inteligência perfeita daquilo que se deve crer.

Agora, após vencer o conflito interior do meu ser durante estes anos, é chegado o momento de fazer conhecer tudo aquilo que está por detrás do mistério do ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo***. Por isso, apresento ao caro leitor, nas páginas seguintes, os ***Estudos Secretos*** que realizei em 1988 acerca do ***Dogma***, quando exercia o ofício de pastor numa determinada Igreja protestante. Esse material teve que ser desenvolvido de forma oculta, isto é, sem que meus superiores soubessem; nem mesmo a minha família e amigos próximos puderam tomar conhecimento da finalidade das minhas pesquisas, pois a censura e o boicote religioso poderiam frustrar os meus objetivos. É um material extraído de meu Diário de Estudos e como tal, poderá nele ser encontrado os vestígios de um homem relutante em busca da verdade e o seu esforço em realizar um exame consciencioso e sem idéias preconcebidas, esgotando todos os meios de convicção que se possa desejar. Que as luzes hauridas aqui venham brilhar intensamente nos caminhos daqueles

que estejam seriamente animados de conhecer a verdade!

# OS ARGUMENTOS CONSIDERADOS CONTRÁRIOS AO DOGMA DA DIVINDADE DE JESUS CRISTO

27 DE MAIO DE 1988

Neste dia iniciei meus estudos a partir dos *Argumentos Considerados Contrários ao Dogma da Divindade de Jesus Cristo* que foram utilizados no Concílio de bispos do século IV. Esses dados pude encontrar em livros que não fazem parte do acervo católico nem protestante, pois nesses últimos nada pude encontrar a respeito, o que soa muito estranho e que merece uma atenção especial. Talvez esses *Argumentos* não estejam presentes nas literaturas católica e evangélica pelo simples fato de serem considerados heréticos. Entretanto, ao consultar dois livros específicos da área de Heresiologia, isto é, que abordam as heresias, para meu espanto, também não achei nada a respeito.

Os *Argumentos Considerados Contrários ao Dogma da Divindade de Jesus Cristo* possuem referências bíblicas e são assim definidos:

1º- Jesus não possuía a Onisciência Divina, ou seja, não tinha o poder de saber tudo.

Este argumento é baseado nas próprias palavras de Jesus quando afirmou desconhecer o dia em que haveria de voltar ao mundo. Esta passagem se encontra no Evangelho segundo São Mateus, cap. 24, versículo 36;

2º- Jesus era inferior a outro Ser a quem ele próprio dizia ser o seu “Pai”.

Este argumento também é baseado nas palavras de Jesus quando afirmou que o Pai era maior do que ele. Esta afirmação se encontra no Evangelho segundo São João, cap. 14, versículo 28;

3º- O domínio sobre as coisas foi dada a Jesus por um outro Ser superior a ele, isto é, alguém que tinha o domínio das coisas concedeu este domínio a Jesus.

Este argumento se baseia nas palavras do apóstolo São Paulo quando disse que esse Ser superior sujeitou todas as coisas debaixo dos pés de Jesus com exceção dAquele que lhe deu este poder. Este ensino está na 1ª carta do apóstolo aos coríntios, cap. 15 e versículo 27.

Estes argumentos, evidentemente, são muito fortes e confesso que ainda estou atônito diante de tão grave problema teológico. Se estivesse agora fazendo parte de um Concílio de bispos semelhante ao que houve no século IV, com certeza não saberia qual lado tomar até que se examinasse com clareza os prós e os contra. Infelizmente não consegui encontrar em nenhum livro os argumentos utilizados na defesa do *Dogma* em relação aos seus argumentos contrários. E, é exatamente por isso que vou iniciar agora um estudo aprofundado de cada texto dos Evangelhos que deram origem aos argumentos propriamente ditos. Se por um lado estou bastante ansioso em desvendar esse mistério,

por outro, sinto que o temor e a cautela me seguirão  
nesta caminhada.

28 de maio de 1988.

## ANÁLISE DOS TEXTOS BÍBLICOS

### *Jesus e a Onisciência Divina*

“Mas aquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, nem o filho, mas unicamente meu Pai”.

(S. Mateus 24:36)

A *Onisciência Divina* é um atributo natural de Deus. *Onisciência* é o poder que Deus tem de saber e compreender todas as coisas. Para Ele nada está em oculto.

O texto acima que estou estudando parece demonstrar que Jesus não possuía esse poder, uma vez que confessou não saber o “dia e hora” de sua 2ª vinda sobre a Terra.

Será que Jesus não sabia isso ou não queria falar a respeito? Estas palavras de Jesus vêm causando muita polêmica desde o Concílio do IV século.

Se Jesus desconhecia o momento de sua 2ª vinda, evidentemente, faltava-lhe o poder da *Onisciência*. Essa é a conclusão que chego nesse momento, ante uma primeira e rápida análise. Mas se Jesus é Deus como afirma o *Dogma*, não pode lhe faltar

um atributo essencial como o da *Onisciência*, e este texto bíblico mostra que Jesus não possuía esse atributo Divino.

A minha formação religiosa reluta em aceitar passivamente este argumento senão sob todas as reservas. É difícil, mas devo examiná-lo fria e conscienciosamente as palavras de Jesus e para isso devo afastar de minha mente a idéia preconcebida que hauri no passado, pois somente desta forma é que poderei ultrapassar as fronteiras do inexplicável e descobrir a verdade!

Vou tentar resolver aqui esta questão de uma forma que não contrarie o *Dogma*, dizendo que Jesus não quis revelar a data de sua segunda vinda. A justificação para isso se encontra na interpretação de outros textos bíblicos: João 16:12 e Atos dos Apóstolos 1:7. Neste último, Jesus disse aos seus discípulos “que não lhes pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder”. Pode-se dizer aqui, igualmente, que Jesus não podia revelar a data propriamente dita porque seus discípulos não deveriam saber ou, por não estarem ainda preparados para tal revelação, é o que se conclui ajuntando no raciocínio o texto de João 16:12, que diz: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”. Este argumento seria suficiente para quem desconhece a Hermenêutica bíblica, isto é, as regras básicas de interpretação da Bíblia. Ou então, mesmo as conhecendo e querendo fechar os olhos à verdade, poderia encerrar aqui a minha jornada. Mas não foi para isso que resolvi empreender estes estudos, mas para

descobrir toda a verdade, mesmo que para isso o preço seja alto...

Voltando ao argumento da defesa, isto é, de que Jesus não quis revelar a data de sua segunda vinda. Eu não posso justificar isso com os textos de João 16:12 e Atos 1:7, porque pelos princípios de Hermenêutica nota-se que os mesmos não falam acerca do mesmo assunto que o texto em análise: Mateus 24:36. Porque ele fala da segunda vinda de Jesus sobre a Terra. No texto de Atos 1:7, observa-se a resposta de Jesus à pergunta dos discípulos: “Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” (versículo 6). O tempo que os discípulos se referiam não era o mesmo que o analisado em Mateus 24:36; eles falavam acerca da ocasião em que ocorreria a descida do Espírito Santo (versículo 5). Eles queriam saber se Jesus iria retomar o reino de Israel das mãos do Império romano que o havia conquistado desde 63 a.C. Jesus respondeu: ”Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder”.(Atos 1:7). No caso de João 16:12, quando Jesus diz que ainda tinha muito o que falar aos seus discípulos mas que eles não podiam compreender no momento, estava se referindo ao pecado, a justiça e ao juízo que, ao seu tempo, receberiam um total esclarecimento, pois seria preciso que novas idéias e novos conhecimentos viessem dar-lhes a chave, e essas idéias não poderiam vir antes de um certo grau de maturidade dos discípulos.

É necessário, pois, riscar os textos de João 16:12 e Atos 1:7 das provas sobre as quais se pretenderia defender a idéia de que Jesus não quis

revelar a data de sua segunda vinda, porque a suposta justificativa é uma falsa interpretação, como já foi analisado acima.

O fato de Jesus ignorar a data de sua 2ª vinda sobre a terra é muito evidente, e também um poderoso argumento contra o dogma de sua Divindade. É difícil aceitar isso passivamente dado as circunstâncias em que vivo. E agora, mais do que nunca, posso sentir na pele o que os bispos do séc. IV sentiram ao se depararem com tão forte argumento.

Atualmente a Igreja tenta explicar essa questão com a doutrina do “Auto-Esvaziamento do Cristo”, que é o conceito de que Cristo voluntariamente decidiu abrir mão de alguns de seus atributos naturais ou divinos, durante o tempo em que esteve corporalmente sobre a Terra. Nesse caso, Jesus teria dispensado por livre e espontânea vontade o atributo da Onisciência. Essa doutrina também é conhecida por “Kenosis de Cristo”.

Dessa doutrina surge outra questão: Se Jesus é Deus, como afirma o dogma, teria deixado de ser através do seu “Auto-Esvaziamento?” Se a resposta for não, torna-se inconcebível o fato de Jesus ser Deus sem um de seus atributos naturais, porque Deus não pode ser Deus senão sob a condição de ser infinitamente perfeito em todos os sentidos, inclusive em todos os seus atributos naturais, se, pois, falta-lhe um atributo qualquer, logo não é perfeito e, se é imperfeito, não pode ser Deus.

Poderia então Jesus se “Auto-Esvaziar” e ainda assim ser Deus? Deus é imutável, isto é, Ele não muda. Nada Lhe pode ser acrescentado ou tirado. Sua imutabilidade implica em sua perfeição. Em outras palavras, Deus não pode se “Auto-Esvaziar”. Como também não pode mentir nem pecar.

As opiniões diversas que examinei até aqui, na defesa do ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo***, ainda que possuam referências bíblicas, e mesmo que surjam outras tantas para tentar explicar a situação teológica do momento, dificilmente será resolvido o problema que é evidenciado no texto de Mateus 24:36: o fato de que Jesus não se negou a falar sobre o assunto, mas disse, com todas as letras: “ninguém sabe o dia e a hora desse evento, nem mesmo eu!” Se Jesus desconhecia o momento de seu retorno sobre a Terra, evidentemente, não possuía o atributo da Onisciência. Ora, Deus é Onisciente; conhecedor de todas as coisas. O futuro para Ele é o presente. A Onisciência de Deus abrange o infinito e por isso mesmo tem que ser infinita. Se supusesse limitada num ponto qualquer, poderia se conceber outro ser mais Onisciente, capaz de saber, por exemplo, o que Jesus não sabia naquela ocasião. E isso é o que exatamente vejo no texto de Mateus 24:36: Um Ser superior que sabia o que Jesus desconhecia. Aliás, as palavras de Jesus são muito claras a este respeito, quando diz: “Somente meu Pai é que sabe o dia e a hora desse evento.” Logo só existe duas saídas para resolver esta questão: Ou Jesus não é Deus ou é um Deus subordinado a outro Deus, que é seu Pai. Neste caso, existiria então dois Deuses. Entretanto, o próprio Jesus afirmou que “só existe um Deus” (Marcos 12:29).

Para os Judeus, um dos primeiros atributos de Deus é sua Unicidade, isto é, Deus é único; igual a Ele não existe outro. Esse atributo Divino, evidentemente, é consequência do fato de serem infinitas suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre Eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro e, então, o subordinado ou inferior não poderia ser Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso equivaleria a existir, de toda a eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Confundidos assim, quanto à identidade, não haveria em realidade, mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas então, não existiria igualdade perfeita entre Eles, pois que nenhum possuiria a autoridade soberana.

A ignorância do princípio de que são infinitas as perfeições de Deus foi que gerou o Politeísmo, culto adotado por todos os povos primitivos, que davam o atributo de divindade a todos que lhes parecia acima dos poderes inerentes à Humanidade. Mais tarde, a razão os levou a reunir essas potências numa só. Depois, à proporção que os homens foram compreendendo a essência dos atributos Divinos, retiraram dos símbolos que haviam criado, a crença que implicava a negação desses atributos.

Em resumo, Deus não pode ser Deus, senão sob a condição de que nenhum outro o ultrapasse, porquanto o ser que o excedesse no que quer que fosse,

ainda que apenas na grossura de um cabelo, é que seria o verdadeiro Deus. Para que isso não ocorra, indispensável se torna que Ele seja infinito em todas as coisas.

### *Conclusão*

Diante de todo esse estudo, e usando de todos os meios e formas teológicas que conheço, concluo, infelizmente, que o texto de Mateus 24:36 é indubitavelmente contrário ao ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo***. Concluo também, que esse não é o único texto evangélico que demonstra a falta do atributo da Onisciência na pessoa de Jesus, pois em pesquisa paralela descobri uma outra referência sobre o assunto. Em Marcos 11:13, onde Jesus avista de longe uma figueira e se dirige até ela para ver se encontra algum fruto; ao chegar na árvore viu que não havia fruto algum. Se Jesus possuísse o atributo da Onisciência saberia que naquela figueira não tinha fruto. O texto afirma que a figueira não tinha fruto porque não era época; Jesus também desconhecia isso.

29 de maio de 1988

***Jesus em relação ao Pai***

“Vou para o Pai;  
porque o Pai é maior do  
que Eu” (João 14:28)

Nesse texto Jesus afirma com toda convicção ser inferior ao Ser que ele chama de “Pai”. Volto novamente ao mesmo círculo de idéias: existe alguém superior a Jesus. Evidentemente esse alguém chamado de “Pai” excede a Jesus em alguma coisa. Esse Ser que está acima de Jesus ou que é “maior” do que Ele, seria um Deus maior? Nesse caso haveria dois Deuses: um maior e um menor. Isso já foi visto que não pode ocorrer. Volto ao mesmo raciocínio: Jesus não pode ser Deus senão sob a condição de que nenhum outro o ultrapasse. Entretanto, o próprio Cristo é quem afirma: “o Pai é maior do que Eu”.

***Conclusão***

Este texto de João 14:28 demonstra de forma irrecusável a confissão de Jesus a respeito de que acima dele existe um Ser superior.

O Dogma ensina que Jesus é “totalmente” Deus. O texto de João 14:28 diz que Jesus é menor que o Pai. Um ser inferior pode ter todas as qualidades de um outro que lhe é superior? Já foi averiguado que no caso de Deus, não pode haver outro ser possuidor de todos os seus atributos porque Deus é “único”.

30 de maio de 1988

*Jesus e seu domínio*

“Todas as coisas  
sujeitou debaixo de seus  
pés. Mas, quando diz que  
todas as coisas estão  
sujeitas, claro que se  
exceção aquele que lhe  
sujeitou todas as coisas”.

(1º Coríntios 15:27)

Este texto ensina que todas as coisas estão sob o domínio de Jesus Cristo, ensino este que bastaria, aqui, para dizer que Jesus é realmente o Deus soberano porque domina todas as coisas. Entretanto, existe um problema: o texto também afirma que “esse domínio não alcança àquele que fez Jesus dominar”. Em outras palavras, o ensino de Paulo, o apóstolo, diz que Jesus domina todas as coisas com exceção daquele Ser que o fez ter esse domínio. Seria este ser o mesmo que Jesus chamava de “o Pai?”.

Para sanar todas as minhas dúvidas a respeito deste versículo consultei uma outra tradução bíblica que fosse mais inteligível, e essa versão diz: “As Escrituras Sagradas dizem: Deus fez que Ele (Jesus) dominasse todas as coisas. É claro que as palavras todas as coisas não incluem o próprio Deus, que faz com que Cristo domine tudo” (A Bíblia na Linguagem de Hoje).

Pela análise deste texto posso ver claramente que Jesus não possui o domínio soberano, pois é subordinado ao seu Pai, que é Deus. Este sim, sendo soberano dominador de todas as coisas fez com que Jesus tivesse seu próprio domínio. Jesus não dominava e só passou a dominar quando foi lhe dada essa incumbência.

### ***Conclusão***

O estudo do texto de 1º Coríntios 15:27 mostrou-me incontestavelmente que existe um Ser superior a Jesus e que o próprio Jesus somente pode ter o domínio das coisas por intermédio desse Ser superior. Esse texto também mostrou que o apóstolo conhecia perfeitamente a diferença que havia entre Jesus e Deus.

### ***Conclusão Geral***

Pela análise dos textos bíblicos em questão, passo a concluir o seguinte:

1. Os textos de Mateus 24:36; João 14:28 e 1º Coríntios 15:27, utilizados pelos bispos do séc. IV, são realmente contrários ao ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo***;
2. As palavras de Jesus demonstram claramente que ele não é Deus e sim o seu Pai; o soberano que “conhece todas as coisas”; que é “maior” do que o Cristo.

Para que o homem creia, portanto, no ***Dogma da Divindade de Jesus Cristo***, é preciso se crer através

de uma fé cega, pois essa doutrina, como tantas outras criadas para defender os interesses da Igreja, é imposta aos fiéis sob a condição de que não haja a manifestação de uma das mais preciosas faculdades do ser humano: o raciocínio e o livre arbítrio.

É notável que essa grande mentira, que já dura séculos, acendeu as fogueiras e fez verter ondas de sangue por meio de uma fé cega, esquecendo-se de que o Cristo disse ser toda a lei e os profetas: “o amor a Deus e ao próximo”. Mas o que mais me chocou nisso tudo, não foi o fato de conhecer que acima de Jesus existe um Ser superior que é “Deus”, mas o fato de que a Igreja vem enganando a Humanidade há muito, e ainda continua fazê-lo para defender seus interesses. O erro já foi feito, e agora, mesmo que se quisesse, a Igreja dificilmente poderia voltar atrás, pois o seu atual sistema religioso a impede. Restando agora tão somente a execução de um plano estratégico para defender sua doutrina, porque explica-la a luz da razão lhe é impossível.

Uma das estratégias utilizada atualmente pela Igreja para defender o **Dogma** é a promoção e o incentivo da “Bibliolatria”, que é o culto de veneração à Bíblia que, partindo do princípio de que ela é a pura e genuína “Palavra de Deus”, não se pode contestar “o que a Igreja diz que as Escrituras falam”, mesmo que sejam interpretações deliberadamente errôneas, porque com uma fé cega, privada do raciocínio e da liberdade de pensar, tudo se aceita, em tudo se conforma. Aliás, um dos princípios de interpretação da Bíblia, muito ignorado hoje em dia, é: “As Escrituras falam o que a

Igreja deve dizer”, e não, “a Igreja diz o que as Escrituras devem falar”.

“Somente poderá existir um Cristianismo autêntico quando as falsas doutrinas ruírem ante as verdades imutáveis do Cristo”.

“É necessário combater as falsas doutrinas porque elas só produzem o que chamamos de fé cega”.

“A fé cega anula a liberdade de pensar, enquanto que a fé que enxerga claro todas as coisas, produz uma inteligência perfeita daquilo que se deve crer. Porque a fé cega quer se impor e eliminar uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre arbítrio”.

ESTUDOS SECRETOS

SOBRE

JESUS CRISTO

II PARTE

## EM BUSCA DE JESUS CRISTO

Tomé, um dos doze discípulos, não se contentou com o testemunho de seus irmãos de fé, ao receber a notícia de que seu mestre havia ressurgido dos mortos. Queria ver por si mesmo, apalpar as chagas de Jesus e ter realmente a certeza de que estava vivo!

A cautela de “ver para crer” atualmente tem crescido muito entre as pessoas. Para muita gente não basta apenas crer naquilo que a igreja vem ensinando há tempo: é preciso se obter provas sérias e argumentos convincentes. A humanidade vive hoje numa época em que a procura de conhecimentos é incessante e muito maior do que qualquer outra geração. Foi-se o tempo de ler os Evangelhos ou a Bíblia apenas por desengano de consciência e por dever. É necessário, portanto, conhecer Jesus Cristo e compreender seus ensinamentos através de uma fé raciocinada, e para isso, é preciso uma base, e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer, porque na realidade para crer, não basta apenas ver, mas sobretudo, compreender. As lendas e as falsas verdades que se enraizaram no Cristianismo através do tempo produziram a fé cega, e esta, tem trazido a intolerância, a desigualdade e o fanatismo. A fé cega tem anulado durante muito tempo a liberdade

de pensar. Mas agora é chegado o tempo de partir em busca de Jesus Cristo, não com uma fé cega, mas com uma fé que enxerga claro todas as coisas, pois somente assim é que pode existir uma fé inabalável ao ponto de encarar a razão face a face.

Hoje, a Igreja, percebendo a busca incessante das pessoas pelo desconhecido; por aquilo que o clero não sabia ou não quis explicar, tem financiado escolas teológicas por todo mundo numa tentativa de induzir seus fiéis a ingressarem na luta e defesa de seus dogmas e teses bíblicas, das quais a maioria é incompreensível e muito contraditória, sem falar de outras tantas doutrinas a que surgiram por meio de pretensos reveladores, que devido ao prestígio e a posição que ocuparam, puderam explorar a credulidade de seus seguidores por muito tempo, em favor do seu próprio orgulho, cupidez e preguiça, porque para eles, viver às custas da boa fé do povo sempre foi mais cômodo. É, pois, por este motivo que diversos grupos de estudo e até mesmo sociedades secretas tem surgido através do tempo para investigar e recompor a verdade sobre Jesus Cristo. Estudantes, pesquisadores e estudiosos em geral que não acham concludente a versão oficial, são chamados a reconstituir a face, a biografia, a natureza, a doutrina e o ambiente de um personagem que viveu num passado remoto de nossa história e que hoje é tido pelos sábios como modelo de perfeição moral que a Humanidade pode pretender sobre a Terra.

## CRISTO SEGUNDO A CIÊNCIA

Embora as pistas e os achados arqueológicos sejam limitados, muitos cientistas têm se esforçado na busca incessante do fundador e mestre maior do Cristianismo. As trilhas precárias e controversas não os impedem de buscar novas respostas (às vezes terminam em novas perguntas). Infelizmente, ainda se sabe pouco sobre Jesus, do ponto de vista científico, pois a maioria dos achados arqueológicos que se obteve até hoje não está ligada diretamente a ele. Uma névoa mística e muito espessa encobre a sua biografia, e os vestígios para se organizar uma busca séria são poucos, uma vez que sobre a vida de Jesus praticamente nada houve que pudesse sobreviver até os nossos dias. O pouco que se sabe, vem dos testemunhos de seus primeiros discípulos e de alguns historiadores não cristãos, tais como Flávio Josefo, Tácito, Plínio e Suetônio. Muitos pesquisadores já desistiram dessa busca, alguns até mesmo dizem que este personagem nunca existiu.

Mas diante de todos esses argumentos, as comprovações científicas sobre Jesus não são tão importantes assim, uma vez que com ou sem elas os valores morais deixados pelo homem de Nazaré são indiscutíveis.

Nos últimos 50 anos, descobertas arqueológicas reavivaram o rumo das pesquisas várias vezes. Mas valeu a pena. Como resultado, a Lingüística e a Filologia se aprimoraram, admiravelmente. Hoje, os

cientistas podem comparar textos antigos, analisar estilo, forma, mensagem e estabelecer pressupostos sobre a cultura da época, seu ambiente e sua idade. Mas o que mudou realmente o rumo das investigações trazendo novas luzes, foi a descoberta de uma biblioteca cristã do século IV, em língua copta, com vários Evangelhos os quais não foram incluídos na Bíblia católica porque contrariavam os dogmas da Igreja. Esse acontecimento arqueológico notável precedeu outro ainda mais importante: A descoberta dos “Manuscritos do Mar Morto”, achado nas cavernas de Qumran, em Israel. Trata-se de outra biblioteca judaica que reúne outros tantos livros que são pelo menos, em sua terça parte, 1000 anos mais antigos que os primeiros manuscritos da Bíblia até agora conhecidos. Eles representam a descoberta arqueológica mais sensacional e mais importante de nossa época, embora muitos dos livros achados em Qumran não tenham sido ainda estudados nem traduzidos.

Comprovadamente, sabe-se que Jesus falava o aramaico, Língua corrente da Palestina, e um pouco de hebreu, aprendido na sinagoga (local de oração e estudos dos judeus). Ele era um camponês rústico das montanhas, que usava metáforas ligadas à agricultura, como “a beleza dos lírios do campo” e a separação “do joio do trigo”, e evitava pregar em cidades grandes. Em sua aldeia de 1600 habitantes o analfabetismo era regra, não exceção.

Jesus era mesmo solteiro, o que é extraordinário, numa cultura judaico-camponesa

que valorizava o casamento e a família. O celibato como estilo de vida para o judeu religioso comum e em especial para um mestre ou rabino, seria algo impensável no tempo de Jesus.

Durante dois anos Jesus pregou na Galiléia, na Judéia e em Jerusalém. Proclamava-se o Messias, isto é, o “Libertador” que as Escrituras falavam. Aos olhos das seitas judaicas, blasfemava.

Jesus fez milagres, curas e exorcismo. Na tradição judaica, os homens ficavam doentes porque pecavam e a cura era um monopólio divino. O que é praticamente consenso entre os pesquisadores é que ele atuava em curas por conta própria, indiferente aos poderes religiosos constituídos no Templo de Jerusalém, poderes esses que sempre desafiou.

Sabe-se também, que Jesus foi um homem de raça semita, com cabelos longos; possuía uma barba típica dos rabinos da época, ou seja, fendida ou separada em duas pontas, e também aproximadamente 1,86m de altura.

Jesus foi notado por historiadores da época que não eram cristãos, e registraram o seguinte:

*Flávio Josefo*: “Nessa época viveu Jesus, um homem sábio. Se é que se pode dizer que era humano. Ele fazia milagres. Era o Cristo. Quando nossos cidadãos o denunciaram e Pilatos condenou-o à crucificação, ele apareceu, três dias depois de sua morte, de novo vivo. Os profetas anunciaram

suas maravilhas e milhares o adoraram”. (Antiguidades judaicas, cap. XVIII, pág. 63)

*Tácito:* “Nero acusa aqueles detestáveis por suas abominações que a multidão chama de cristãos. Esse nome vem do Cristo\*, que sob o principado de Tibério, foi mandado para o suplício pelo procurador Pôncio Pilatos. Reprimida momentaneamente, essa superstição horrível rebrotou novamente, não apenas na Judéia mas agora dentro de Roma”. (Anais, cap.XV, pág. 54)

*Suetônio:* “O Imperador expulsou de Roma os judeus que viraram causa permanente de desordem pela pregação do Cristo”. (Vida de Cláudio, cap. 25, pg. 4).

*Plínio:* “Os cristãos têm o hábito de se reunirem em um dia fixo para rezar ao Cristo que consideraram como um deus, para cantar e jurar não cometer crime, abstenendo-se de roubo, assassinato, adultério e infidelidade”. (Carta a Trajano, cap. 10, pág. 96)

---

\* - A anteposição do artigo à palavra **Cristo** (do grego Cristos, unguído), empregada em sentido absoluto, é mais correta, visto que esta palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Dir-se-á, pois: Jesus era **o Cristo** anunciado; a morte **do Cristo** e não **de Cristo**, ao passo que se diz: a ressurreição **de Jesus**. Em **Jesus Cristo**, as duas palavras reunidas formam

um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: **o Buda**; Gautama conquistou a dignidade **de Buda** por suas virtudes e austeridades. Diz-se: a vida **do Buda, do iluminado**, do mesmo modo que o exército **do Faraó** e não **de Faraó**; Henrique IV era rei; o título **de rei**; a morte **do rei** e não **de rei**.

## CRISTO SEGUNDO O PRÓPRIO CRISTO

Nenhum outro, senão o próprio Cristo, poderia saber melhor quem ele foi, quem ele é e o que ensinou. Suas palavras têm, evidentemente, maior autoridade que as de seus apóstolos. O que Jesus disse ou ensinou, não pode valer menos que o ensinamento de seus seguidores, a menos que se negue a superioridade que lhe é atribuída e que se substitua a sua própria inteligência. É, pois, sob este ponto de vista que deve ser visto quem foi Jesus, o que Ele é, o que veio fazer e o que ensinou, segundo as suas próprias palavras. Entretanto, surge aqui um problema: Jesus nada escreveu sobre a sua vida e sua doutrina, seus únicos historiadores foram os apóstolos, portanto, é necessário procurar em seus escritos o que Jesus falou dele mesmo. Porém, existe ainda um outro problema: Existem mais de sessenta evangelhos fora os de Mateus, Marcos, Lucas e João. São os chamados evangelhos *apócrifos*, isto é, aqueles que a Igreja considera como não oficiais, pois, segundo ela, diz que são fontes de heresias. Dentre eles está o evangelho de Tomé, de Pedro, de Filipe e de Tiago: todos apóstolos do Cristo. Mas então, em qual deve-se confiar?

Essa pergunta também foi feita no passado pelos eruditos da Igreja, pois a quantidade considerável de textos evangélicos era um problema para a Instituição religiosa de Roma, a qual estava dando seus primeiros passos na consolidação do Cristianismo. Os vários tipos

diferentes de evangelhos favoreciam o aparecimento de seitas e doutrinas tidas pela Igreja como contrárias aos seus princípios. Por este motivo, foi necessário que alguns deles fossem escolhidos e canonizados, quer dizer, consagrados ou santificados pela Igreja. Assim, diante de um outro Concílio de bispos no século IV, foram então escolhidos os quatro evangelhos que hoje fazem parte da Bíblia juntamente com vinte e três cartas que os apóstolos escreveram e enviaram as igrejas da época.

Pelo fato dos quatro evangelhos da Bíblia serem os mais conhecidos, os mais respeitados e os mais acessíveis a todo mundo, vejamos, portanto, o que Jesus fala de si mesmo segundo o relato de seus discípulos:

### *O Filho de Deus*

“Diante da pergunta do sumo sacerdote, Jesus calou-se e nada respondeu. Então O sumo sacerdote perguntou outra vez: És tu o Cristo, filho do Deus Bendito? E Jesus disse-lhe: **Eu o sou**, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do Céu”.

(Marcos 14:61, 62)

O conceito de “Filho” no pensamento judaico da época indicava participação e igualdade. Jesus se declarava *Filho de Deus* e por este motivo os sacerdotes judeus procuravam mata-lo, pois era uma

afronta à sua religião dizer ser igual a Deus (João 5:18). Mas a intenção de Jesus, na realidade, não era a de se fazer igual ao Pai, antes, mostrar que todos eram igualmente “filhos de Deus”; filhos de um só Pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus”. (Mateus 23:9)

Os discípulos se identificavam perfeitamente com essa idéia sobre o *filho de Deus*. O apóstolo São João explica algo a esse respeito dizendo que Jesus cumpriu sua missão “para reunir em um só corpo os *filhos de Deus*, que andavam dispersos”. (João 11:52)

A doutrina de Jesus, sobre este ponto, evidentemente não era a mesma dos judeus, porque para eles, somente o Messias é que podia ser “filho de Deus”. O que Jesus ensinou foi justamente o contrário: todos são filhos de Deus, desde que acreditem que o mesmo “Pai” que o enviou é Pai de todos.

### *O Mestre*

“Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos”.

(Mateus 23:8)

Por sua natureza e superioridade espiritual, que está muito acima da Humanidade terrestre, Jesus é o *Mestre* por excelência. Deus no-lo oferece como o mais

perfeito modelo de perfeição moral que os homens podem pretender sobre a terra.

### ***O Messias Prometido***

“Então a mulher samaritana disse a Jesus: Eu sei que o Messias vem; quando Ele vier, nos anunciará tudo.

E Jesus então disse: Eu o sou, Eu que falo contigo”.

(João 4:25, 26)

O termo *Messias* é de origem hebraica e significa *ungido*, tem o mesmo sentido que a palavra grega *Cristo* (Chistos).

Os judeus esperavam seu libertador, aquele que havia de salvar o seu povo; *O Messias ou o Cristo* de quem os profetas haviam predito e em quem todas as promessas de Deus se cumpririam.

### ***O Filho do homem***

“Então Jesus disse: O Filho do Homem não veio para ser servido, Mas para servir e dar a sua vida Em resgate de muitos”.

(Marcos 10:45)

A expressão *Filho do homem* vem do hebraico e significa basicamente “filho de Adão”. É, antes de tudo, um título comum a todos os homens escolhidos

por Deus para realizar alguma missão. Esse termo exprime fraqueza e humildade diante de Deus. Jesus aplicava a si mesmo esse título para demonstrar sua humilde condição de “Servo de Deus” e não de um ser igual a Deus. É, pois, por esta razão que disse “o Filho do homem veio para servir e não para ser servido”. Aqueles que o acompanhavam sabiam disso; que ele era um enviado de Deus e não o próprio Deus, porque era de natureza humana, sujeito às mesmas fraquezas que qualquer homem. E isso tanto é verdade que as Escrituras afirmam: “Deus não é homem para que minta; **nem filho do homem** para que se arrependa” (Números 23:19). Ora, Jesus, sentindo sua fraqueza como **Filho do homem**, pediu para que, se possível, fosse afastado dele o momento de seu suplício, dizendo: “Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice” (Mateus 26:39). Mas ao mesmo tempo em que sua natureza humana o fazia retroceder, sua missão como **Filho do homem** falava mais alto em seu ser: “O Filho do homem veio para dar a sua vida em resgate de muitos”. Jesus tinha que prosseguir e o preço tinha que ser pago, por isso disse: “Meu Pai, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade”. (Mateus 26:42)

## ***O Filho Unigênito de Deus***

“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna”.

(João 3:16)

Etimologicamente, a expressão ***Filho Unigênito*** “único filho da espécie ou do tipo”. ***Unigênito*** vem do termo original grego ***monogênes***: “Mono” significa ***único*** e “Genes”, uma derivação de “genos”, significa ***raça, tipo***.

Ao contrário do que muitos pretendem ensinar, a expressão ***Filho Unigênito*** não significa “único Filho de Deus”. Se assim o fosse, por que então Jesus ensinou que o seu Pai era, igualmente, Pai de todos?<sup>1</sup> Se Jesus fosse o único Filho de Seu Pai, logo, ninguém mais poderia ser seu irmão. No entanto, Ele disse a Maria Madalena, logo após a ressurreição: “Vai para **meus irmãos**, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e **vosso Pai**, meu Deus e **vosso Deus**.” (João 20:17)

---

<sup>1</sup> - Jesus fez de seu Pai o Pai de todos quando ensinou: “Quando orares... ora a teu Pai que está em oculto... portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome (Mateus 6:6, 9). Jesus, mais adiante, insistiu de novo nessa doutrina, dizendo: “Ninguém na terra chameis vosso Pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus”. (Mateus 23:9)

Jesus é, portanto, o ***Filho Unigênito*** de Deus, não porque é o único filho do Pai, mas porque devido a sua natureza superior, o Pai lhe deu uma missão que só poderia ser realizada por alguém de sua “espécie” ou do seu “tipo”. Podemos fazer aqui uma comparação com o “pai Abraão”, por exemplo, que teve vários filhos, mas somente um (Isaque) é que foi considerado “Unigênito de Abraão”, quer dizer, somente Isaque é que se enquadrava no “tipo” de filho capaz de governar o reino de seu pai Abraão (Gênesis 25:5, Hebreus 11:17).

## **O Salvador**

“ O Filho do homem veio procurar  
e salvar o que se havia perdido.”  
(Lucas 19:10)

Jesus na qualidade de “Filho do homem”, quer dizer, no exercício de sua missão como humilde Servo de Deus, empreendeu uma grande procura daqueles que um dia tinham se perdido, isto é, que tinham se desviado do verdadeiro caminho que leva o homem a Deus. Caminho esse que precisou reabrir dentre os matagais da ignorância, dos abusos religiosos enraizados no meio do povo e dos preconceitos hauridos desde a servidão do Egito. Entretanto, para os encontrar e atrair para si, foi preciso combater aberta e fortemente o abuso das práticas exteriores e as falsas

interpretações. E para isso, teve que pagar um preço: “dar a sua vida”.

Sem dúvida, Jesus Cristo é o Salvador, enviado para ensinar as verdades aos homens e mostrar-lhes o bom caminho. Mas a sua grande missão de procurar e salvar os perdidos ainda se faz presente em nosso meio; Jesus ainda continua procurando e salvando os aflitos e desvalidos. Jesus está presente através dos seus novos apóstolos: pessoas que tiveram suas vidas transformadas e seus caminhos iluminados pela força das palavras do Cristo, e que agora, como gesto de gratidão e a consciência de sua missão, propagam as boas novas e a paz entre os homens de boa vontade.

## **Revelador da Doutrina Divina**

“Jesus respondeu: A minha doutrina não é minha mas Daquele que me enviou.”

(João 7: 16)

Não sendo o próprio Deus, mas um enviado para transmitir a Sua Palavra, Jesus foi o revelador da mais pura expressão da Lei Divina. E a parte mais importante de sua revelação é o ponto de vista, todo novo, sob o qual fez considerar a Divindade. Em seus ensinamentos, o Pai não é mais o Deus terrível, ciumento e vingativo que o profeta Moisés ensinou ao povo hebreu; não é mais o Deus impiedoso que rega a terra com sangue humano, que ordena o massacre e o

extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos<sup>2</sup>, mas Jesus ensinou que a Divindade é um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansuetude e de misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido, dando a cada um segundo os seus feitos; não é mais o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos que luta contra o Deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende sua proteção sobre todos os seus filhos chamando-os para si; não é mais o Deus que recompensa e pune apenas pelos bens terrenos, que faz consistir a glória e a felicidade na multiplicidade da descendência e na conquista de terras, mas que diz aos homens que a “verdadeira felicidade não é deste mundo, ela se encontra no reino celeste: será aí que os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos rebaixados. Não é mais o Deus que faz da vingança uma virtude, ordenando a pagar olho por olho, dente por dente, mas o Deus misericordioso que diz: “Perdoai as vossas ofensas, se quereis que vos seja perdoado; fazei o bem em troca do mal; não façais a outrem o que não quereis que vos façam. Não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõem, sob as mais rigorosas penas, a maneira pela qual quer ser adorado, que se ofende com a inobservância de uma fórmula; mas o Deus grande que considera o pensamento e não se honra com a forma. Este Deus apresentado por Jesus

---

<sup>2</sup> O Velho Testamento da Bíblia narra que Moisés, certa vez, ordenou a matança de aproximadamente 3.000 homens dentre seus próprios irmãos (êxodo 32:27,28). Em outra ocasião, cerca de 24.000 foram executados pela mesma lei (Números 25:4 ao 8).

não é mais enfim, o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

Deus é o eixo de todas as religiões, e o objetivo de todos os cultos, o caráter de todas as crenças está conforme a idéia que elas fazem de Deus. As crenças religiosas que fazem dele um Deus vingativo e cruel, os seus adeptos crêem em honrá-lo por atos de crueldade, pelas fogueiras, pelas torturas e pelos sacrifícios; as religiões que fazem dele um Deus parcial e ciumento são intolerantes.

A revelação de Jesus está fundada sobre o caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa de salvação, e dizer : “Amai a Deus sobre todas as coisas, e ao vosso próximo como a vós mesmos; aí está a lei e todos os profetas, e não há outra”. Sobre este ensino somente, pode estabelecer o princípio da igualdade dos homens diante de Deus e da fraternidade universal. Mas era impossível amar esse Deus de Moisés? Não, não se poderia senão temê-lo.

O ensino de Jesus dos verdadeiros atributos da Divindade, junto a imortalidade da alma e da vida futura, modificou profundamente as relações mútuas dos homens, lhes impôs novas obrigações, fê-los encarar a vida presente sob uma outra luz. Incontestavelmente, pelas suas conseqüências, é esse o ponto capital da revelação do Cristo e do qual não se tem compreendido bastante sua importância; é

lamentável dizer que, é o ponto do qual se está mais afastado, o que mais se tem ignorado na interpretação de seus ensinamentos.

## **Nossa Missão**

“E Jesus disse:  
Ide por todo o mundo, pregai  
O Evangelho a toda criatura.”  
(Marcos 16:15)

Há muito tempo atrás o Mestre disse estas palavras, e seus primeiros discípulos então saíram e pregaram a sua mensagem por todos os lugares que podiam segundo as suas condições. Muitos ouviram, mas também muitos foram os que não puderam ouvir a palavra do Cristo devido a distância física e a curta vida terrestre que viveram. Aqueles que puderam ouvir e creram, também levaram a mensagem divina, e depois deles vieram outros, e depois outros, até chegar aos nossos dias. E mesmo assim, muitos são os que se encontram perdidos, com suas vidas destruídas pelo desentendimento familiar, pelos problemas de saúde, pela falta de realização pessoal ou profissional, pelos vícios, pelo ódio e pela falta de amor, enfim, pela falta da manifestação do poder das palavras do Cristo. Agora, como de outras vezes, a solicitude de Deus para com a salvação de seus filhos, dá-lhes uma nova chance de ouvir e encontrar a verdade do Evangelho que toda criatura precisa ouvir e crer.

Somos a continuação de muitas gerações de pregadores do Evangelho, vindo sobre a Terra, penetrando nos mais humildes redutos, entre os grandes e pequenos, entre os sábios e ignorantes, entre os incrédulos como entre os crentes, ensinar a verdade aqueles que não a conhecem, faze-la compreender àqueles que não a compreendem. Somos mensageiros que chegam em massas inumeráveis, abrindo os olhos aos cegos, convertendo os ímpios, curando os doentes, consolando os aflitos, a exemplo de Jesus. Viemos mostrar os frutos produzidos pelo Cristo e destruir os abusos dos fariseus, proclamando assim o que deve lhes arruinar, porque pensaram que Jesus, sendo só e humilde, creram matar a sua palavra fazendo-lhe perecer; mas a palavra do Mestre não era dele e sim do Pai, e não somente sobreviveu mas deu muito fruto.

Aos leitores,

Caso você queira esclarecer alguma dúvida ou se quiser saber mais sobre o tema abordado neste livro, mande-nos um e-mail para : [ordemcrista@ieg.com.br](mailto:ordemcrista@ieg.com.br)

Sua opinião é muito importante para nós.